

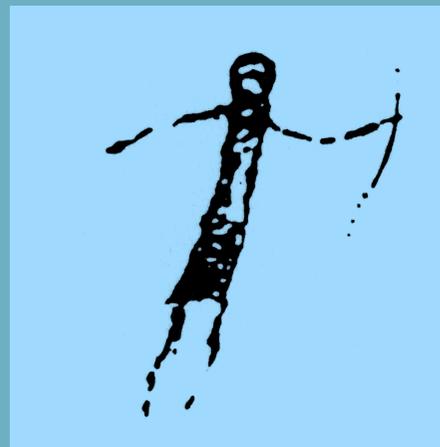
ACAFA

Nº 4 (2011) On-line

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

A geração do Tejo

Depoimento de António Carlos Silva



Vila Velha de Ródão, 2011

A geração do Tejo

A fantástica descoberta da “Arte Rupestre do Vale do Tejo”, pela data em que acontece (em plena “Primavera Marcelista” e nas vésperas do “25 de Abril”) pelas circunstâncias que dão origem ao “salvamento arqueológico” que desencadeia (o primeiro projecto de arqueologia territorial directamente relacionado com um grande empreendimento público) ou ainda, pelo invulgar envolvimento de numerosos voluntários no seu levantamento e estudo (quase todos eles ainda jovens estudantes que teriam no Tejo o seu “baptismo arqueológico” e em cujo número tenho a honra de me incluir), representa a meu ver, pese embora o compreensível subjectivismo de tal opinião, um acontecimento de especial relevância na história da arqueologia portuguesa do Século XX.

É certo que o momento de profunda crise económica e social que actualmente se vive em Portugal, com repercussões ainda imprevisíveis a nível da actividade cultural e científica e consequências certamente dramáticas para a salvaguarda do património histórico, não será o mais

indicado para análises retrospectivas com um mínimo de objectividade. A atmosfera de “fim de ciclo” que atravessamos, certamente exacerbada pelo peso da idade dos jovens protagonistas de então, pode facilmente conduzir-nos à mitificação dos eventos passados, esquecendo e desvalorizando o longo caminho entretanto percorrido pela arqueologia portuguesa.

De facto, recordo que em crónica evocativa dos acontecimentos do Ródão publicada há quinze anos no Diário de Notícias, usei pela primeira vez a expressão “geração do Tejo”, num tom que já então oscilava entre o panegírico e o saudosismo. Nesse desprezioso texto, mais tarde reeditado em livro de crónicas arqueológicas de colaboração com o Luís Raposo (outro jovem do Tejo), qualificava-se o projecto do Ródão como uma verdadeira escola de campo de onde saíria toda uma fornada de destacados actores da arqueologia portuguesa do último quartel do Século XX. Pouco tempo depois, Francisco Sande Lemos, com a autoridade de ter sido um dos primeiros a trilhar os caminhos do Tejo, fez o favor de recordar, em réplica publicada na revista *Forum* da sua Universidade do Minho, que não compete aos protagonistas dos acontecimentos passados escrever a

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

A geração do Tejo
António Carlos Silva

sua própria história... No entanto, apesar da justeza do seu reparo, ao glosar o tema, o Francisco estava a dar o primeiro contributo, ainda que involuntário, para que aquela expressão começasse a ganhar vida própria. Hoje e apesar da carga de subjectividade emocional que esteve na sua origem, ao ser citada com alguma frequência nos meios especializados (como o comprova uma rápida pesquisa na Internet), a expressão “geração do Tejo” dá já corpo a uma realidade que parece ser também reconhecida por terceiros.

Recentemente, Mário Varela Gomes, no solene acto de defesa da sua monumental tese de doutoramento sobre a Arte Rupestre do Vale do Tejo, referiu emocionado, que a síntese que acabava de apresentar e oferecer à arqueologia portuguesa, era também uma homenagem a todos aqueles que, de algum modo, haviam com ele partilhado a maravilhosa aventura da sua descoberta. Um tributo, afinal, à “geração do Tejo” de há quarenta anos atrás.

António Carlos Silva

Arqueólogo, colocado na Direcção Regional de Cultura do Alentejo, onde entre outras funções, é responsável pela Gruta do Escoural, única cavidade com arte rupestre paleolítica identificada no território português



Manuela Martins e António Carlos Silva, Abril de 1973.